



NOÉMIA DE SOUSA: NEGRITUDE E IDENTIDADE NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

NOÉMIA DE SOUSA: BLACKNESS AND IDENTITY IN PORTUGUESE-SPEAKING AFRICAN LITERATURE

DOI [10.5281/zenodo.14290296](https://doi.org/10.5281/zenodo.14290296)

João Adalberto Campato Jr.¹

Edilson Teles Gomes Jr.²

RESUMO:

Nos países que passaram por processos de colonização, uma das questões que mais geraram e geram tensão é a da identidade, envolta em situações de negociação entre os colonizadores e os sujeitos colonizados. Esse aspecto deixa suas marcas de forma latente ou patente na literatura e em outras manifestações artísticas. É o caso das poesias africanas de língua portuguesa e, no caso deste estudo, do poema “Negra”, de autoria da moçambicana Noémia de Sousa. Pretende-se com este artigo descrever, segundo a teoria pós-colonial, as estratégias retóricas do poema “Negra” mediante as quais a denúncia, a resistência e o contra-ataque africano se constroem, ecoando, até os dias atuais, uma postura ideológica que advoga um reposicionamento da África e sua cultura num quadro mundial marcado pelo eurocentrismo e pelo preconceito racial.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; Preconceito racial; Noémia de Sousa. Literatura moçambicana.

ABSTRACT:

In countries that have gone through colonization processes, one of the issues that generate and generate the most tension is that of identity, involved in situations of negotiation between colonizers and colonized subjects. This aspect leaves its marks latently or patently in literature and other artistic manifestations.

¹ Professor da Uniesp S.A., da Universidade Brasil (UB) e da Fatec de Adamantina. Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-doutorados pela USP, UNICAMP, UERJ e UFMS. E-mail: campatojr@gmail.com

² Professor da Uniesp S.A., da Universidade Brasil (UB) e da Fatec de Adamantina. Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-doutorados pela USP, UNICAMP, UERJ e UFMS. E-mail: campatojr@gmail.com



This is the case of Portuguese-language African poetry and, in the case of this study, the poem “Negra”, written by Mozambican Noémia de Sousa. The aim of this article is to describe, according to post-colonial theory, the rhetorical strategies of the poem “Negra” through which African denunciation, resistance and counter-attack are constructed, echoing, to this day, an ideological stance which advocates a repositioning of Africa and its culture in a global context marked by Eurocentrism and racial prejudice.

Keywords: Portuguese-language African literatures; Racial prejudice; Noémia de Sousa. Mozambican literature.

Considerações Iniciais

Em “Negra” (1950), poema da escritora moçambicana de língua portuguesa Noémia de Sousa³ – que viveu no Brasil, em Portugal e na França -, denuncia-se a tentativa de reificação, de objetificação da África e dos africanos, na medida em que se verifica explicitamente um processo sistemático imperialista, originário do exterior, de forjar a identidade do continente em termos depreciativos, sobretudo, em relação ao continente europeu, considerado parâmetro e modelo ideal civilizatório, a cuja normas – tidas como universais - os povos africanos deveriam se moldar, inclusive, para o seu suposto bem e pretensão adiantamento.

Trata-se de um movimento constante e planejado que atingiu diversas culturas colonizadas, cujas identidades foram sendo, por assim dizer, negociadas pelas forças colonizadoras com o intuito de enfraquecê-las ou, no limite, de negá-las por completo. Não há pior forma de imperialismo do que deter o domínio sobre a identidade alheia e poder plasmá-la ideologicamente de conformidade com os desígnios do colonizador.

³ “Noémia de Sousa escreveu 46 poemas, entre 1948 e 1951, que circularam, inicialmente, em periódicos moçambicanos, como O Brado Africano. Em 2001, os textos foram reunidos no livro Sangue Negro, publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos. Em 2011, foi republicado pela Editora Marimbique, de Nelson Saúte. Em 2016, em edição organizada pela Editora Kapulana, o livro foi publicado no Brasil. Noémia de Sousa figurou, também, em diversas antologias da poesia moçambicana” (Leal, 2021, p.65)

No poema em análise, reforçando o processo possessivo acima aludido, identifica-se uma superposição do continente africano à figura da mulher africana, esta também constituída em matéria de uma abordagem exótica, figurando a África como local exótico, pitoresco, irracional, selvagem, místico; e a mulher africana, como amante sensual e desprovida de caráter racional. Acentue-se que, ao elaborar a identidade do outro, tenta-se justamente dominá-lo o mais completamente possível.

Com a engajada denúncia de tal ameaça à identidade africana, a composição artística de Noémia de Sousa faz apelo aos valores da negritude, isto é, ao sentimento de irmandade estabelecido pelos negros africanos por meio do qual eles resistem às investidas culturais, econômicas, religiosas e políticas do colonizador branco.

Nesse sentido, o artigo que ora se apresenta possui como objetivo geral descrever as estratégias retóricas de “Negra” mediante as quais a denúncia, a resistência e o contra-ataque africano se constroem, ecoando, até os dias atuais uma postura ideológica que evolui do pós-colonialismo para a decolonidade.

Com vistas à produção de sentidos baseada na leitura desse poema, importa trazer à baila as questões da identidade e de sua tomada de consciência e negociação, do pertencimento cultural, da relação com a alteridade, do imperialismo colonial, dentre outros aspectos possíveis que oferecem suporte teórico-conceitual para a presente reflexão crítica. Antes disso, no entanto, segue uma breve contextualização biográfica de Noémia de Sousa, bem com a transcrição do poema.

1. Noémia de Sousa e “Negra”

Noémia de Sousa – de nome completo Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares – nasceu em Catembe, espécie de distrito de Maputo, capital moçambicana, em 1926, tendo falecido em Portugal em 2002 aos 76 anos de idade. Levou uma vida promovendo a luta política contra a opressão colonial



portuguesa sobre Moçambique, chegando a viver no exílio em Paris na década de 1960.

Noémia de Sousa, à exceção de *Sangue Negro*, obra sua aparecida em 2001 por oportuna iniciativa da Associação dos Escritores Moçambicanos, não chegou a reunir toda sua produção em livros, surgindo seus textos, de preferência, em revistas, em jornais, em sites da internet e em coletâneas variadas. *Sangue Negro* agrupa poemas escritos entre o período de 1949 e 1951).

“Negra”, por exemplo, foi publicada em 1950 na revista coimbrã “Vértice”, tendo sido saudada naquela ocasião como uma composição verdadeiramente moçambicana, veiculando o orgulho africano, a valorização da herança negra e a riqueza da cor local de Moçambique, bem como a revolta contra a dominação colonial. (Laranjeira, 1995). Vale informar que Moçambique, ainda nessa época, era colônia de Portugal, do qual iria conquistar a independência política apenas em 1975.

Assim se pronuncia Sant’anna (2009, p. 70) a fim de descrever o alcance da obra literária de Noémia:

Sua obra é um importante ponto de referência e inspiração para quem procura estudar e abordar as questões da Negritude em várias gerações de escritores moçambicanos, mas não só eles. A poesia de Noémia de Sousa, marcada pelo tom libertário, sob forte influência do discurso neorrealista, reverberou em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, no desejo comum de mudança e de validação de um forte sentimento de nacionalidade, possível por meio da literatura

Abaixo transcreve-se o poema “Negra”, uma das composições mais significativas da estética militante de Noémia de Sousa.

NEGRA

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para elas só de mistérios profundos,

Revista Tema Online ISSN: 2965-9841 - v.2, n.2, jul./dez. 2024





de delírios e feitiçarias...

Teus encantos profundos de África.

Mas não puderam.

Em seus formais e rendilhados cantos,

ausentes de emoção e sinceridade,

quedas-te longínqua, inatingível,

virgem de contactos mais fundos.

E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,

jarra etrusca, exotismo tropical,

demência, atracção, crueldade,

animalidade, magia...

e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados

foste tudo, negra...

menos tu.

E ainda bem.

Ainda bem que nos deixaram a nós,

do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,

sofrimento,

a glória única e sentida de te cantar

com emoção verdadeira e radical,

a glória comovida de te cantar, toda amassada,

moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE

3) Um pouco de Teoria



Para abordar o poema de Noémia de Sousa de molde a atingir o objetivo proposto deste artigo, importa levar em consideração determinados conceitos relativos ao colonialismo, à teoria pós-colonial, aos estudos de colonialidade e de decolonialidade, bem como às discussões do domínio étnico-racial.

Não se trata, nem de longe, de aprofundar as principais noções veiculadas por tais campos de saber, mas de tão somente oferecer o mínimo de suporte a fim de que o poema de escritora moçambicana possa ser compreendido no cenário conceitual de um contexto de investigações particulares e já estabelecidas na crítica literária. Para a redação deste tópico, serão empregados, sobretudo, conceitos de Bonnici (1985) e Campato Jr. (2016).

3.1 A literatura como resistência

Na África de língua portuguesa, a literatura, em larga escala, é vivenciada como recurso de combate contra o colonizador e como forma de esclarecer a população local a respeito de seu direito à autodeterminação e à liberdade. Nesse aspecto, é curioso observar a alta quantidade de literatos que foram ao mesmo tempo combatentes de armas nas mãos.

Há países em que, apenas recentemente, a poesia como manifestação lírica adquire a mesma relevância da literatura empenhada, que objetiva intervir pragmaticamente na realidade externa. Natural que, no decorrer das lutas de independência política, a faceta militante e referencial da literatura tenha dominado a ponto de fomentar a impressão ou de criar o efeito de sentido de que certas obras se avizinhavam de prosaicos discursos políticos, interessados mais no conteúdo do que na forma estética da comunicação.

É preciso advertir que, justamente em função da opressão colonial e das condições de produção, veiculação e recepção da arte nessa época, boa parte da literatura dessas nações exibe um aspecto engajado pronunciado, em que a função moral e utilitária dos textos ganha espaço, assim como a necessidade de



comunicar sem ruídos e até com uma possível redundância, num discurso que pode preferir o transparente no lugar do opaco.

As tensões do dilema da arte militante foram bem pesadas por Abdala Jr (2007, p.190), em cujo juízo, quando se privilegia a redundância, há risco de produzir literatura populista e falseamento da representação do real. Por outro lado, ao destacar a informação nova, banindo as redundâncias garantidoras da compreensão do grande público, existe a ameaça do abandono das funções sociais da arte.

Tal arranjo da literatura africana de língua portuguesa – no qual pode haver igualmente uma deliberada produção de um efeito de sentido singular – respondeu a uma necessidade do período de lutas contra o colonizador, época na qual a literatura engajada era atividade legítima.

3.2 As questões identitárias e de pertencimento cultural

A discussão sobre identidade das minorias políticas e sociais, dos povos considerados subalternos ou de fora do centro tem cada vez mais evidência. Examinar as literaturas africanas de língua portuguesa mostra-se promissor nessa linha, pois “a linguagem está no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito” (Charadeau, 2015, p.13). Mediante a linguagem, efetiva-se a relação de si com o outro. É por ela que se conceitua, ou seja, que se extrai “o mundo da sua realidade empírica para fazê-lo significar”. Pela linguagem exerce-se o ato de valorar. Enfim, pela linguagem, as pessoas exercitam a possibilidade de interrogarem-se a si próprios e aos outros.

A relação entre discurso e identidade é explicitada por Moita Lopes (2002, p.31):

O discurso como construção social é, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo. Investigar o discurso a partir dessa perspectiva é analisar como os participantes envolvidos na construção





dos significados estão agindo no mundo por meio da linguagem e estão, desse modo, construindo a sua realidade social e a si mesmos.

A construção identitária ocorre na percepção de uma diferença e no estabelecimento de uma relação com o outro, em movimento de atração e de repulsa. Por sofrer a colonização, o literato africano problematiza sua identidade com tais questionamentos: Quem sou eu? Quem é o outro que me vê e que, por vezes, me impõe uma identidade, querendo anular as diferenças? Qual é a minha cultura? Posso pertencer, ao mesmo tempo, a um modo de existência africano e europeu? Devo me alinhar ao antigo colonizador ou recuperar a minha identidade? Como se posiciona a identidade do africano na era das identidades fragmentadas de que trata Stuart Hall (2006)?

Ao mencionar identidade africana, há uma figura de linguagem, já que o adequado é identidades africanas, no plural. Para além disso, as identidades não se assentam em essências e não são fixas, tampouco unificadas. São mutáveis, inacabadas, figurando construções discursivas em meio a processos de negociação. As identidades, ainda, são influenciadas pelos pertencimentos múltiplos: sou mulher, sou negra e sou colonizada, como no caso de Noémia de Sousa.

No transcurso da colonização, Portugal empenhou-se em abafar a cultura dos africanos e impor-lhes a cultura europeia e ocidental, valorizando os africanos assimilados, aqueles que abandonavam o modo de ser africano comportando-se como europeu.

3.3 A negritude e a africanidade

A negritude – ou identidade negra - é um sentimento de solidariedade conectando os negros, historicamente vítimas de inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental (Munanga, 2009). À luz da negritude, busca-se revalorizar a cultura negra e fazer do negro o agente de sua história. Nesse





sentido, pode ser vista como arma de combate, de resistência, de engajamento e de união.

Manifesta-se na literatura africana de língua portuguesa a negritude, expressando-se o orgulho de ser negro, convidando todos os negros a se unirem e a se libertarem da opressão. Trata-se do sentimento positivo de pertencer à cultura negra. A literatura acolhe a redescoberta do próprio passado, da própria cultura, dos próprios ancestrais, da própria língua, valorizando o modo de ser e a visão de mundo típica do negro. A África passa a conquistar uma posição de destaque que o eurocentrismo lhe negou historicamente.

3.4 O outro

O outro participa da construção da identidade, pois alguém só se percebe ao tomar consciência do outro, estabelecendo o princípio da alteridade. No caso dos europeus colonizadores, eles consideravam-se o Povo, o Centro, o Parâmetro em torno do qual tudo deveria ser medido e valorado numa lógica que passa a ser eurocêntrica.

Por outro lado, os colonizados seriam o resto, os diferentes, a margem, a periferia, que precisavam ser “corrigidos” por serem os errados. Sendo corrigidos, tomariam por direção correta os valores dos europeus, os únicos válidos tanto no que toca a costumes, artes, religião, cultura, etc.

Decorre daí um processo de baixa autoestima do africano, já que sua cultura é bastante diferente da europeia, que seria, segundo lhe afiançaram, a correta, o padrão natural, o modelo por seguir. O eurocentrismo é uma forma particular e severa de etnocentrismo.

3.5 Mitos sobre o nativo

Para realçar sua pretensa superioridade e a necessidade de colonizar os africanos, o colonizador produz mitos negativos sobre os negros. O discurso



européu incute a ideia de que eles são preguiçosos, perversos, sexualmente depravados, selvagens e violentos. Como arremata com perspicácia Munanga (2009, p.35): “Todas as qualidades humanas vão ser retiradas do negro, uma por uma”.

Semelhante procedimento visava fazer crer que o negro é desumano e necessitado, por isso, da ajuda do colonizador para se civilizar. Facilmente se percebe que tal construção da identidade do outro é uma das formas de legitimação de seu controle.

Nota-se que tais mitos repousam sobre o conceito de raça tal como usado pelos racistas, que, em determinada época, baseados em suposta base científica, eram do parecer de que existiam raças – cada uma com particularidades biológicas bem evidentes e bem demarcadas - umas superiores às outras, legitimando o preconceito, a exploração econômica e a discriminação racial (preconceito externalizado).

Sabe-se, hoje, que o conceito de raça constitui uma construção social, invenção ideológica a fim de legitimar e naturalizar relações de poder ancoradas na injustiça, “socialmente eficazes para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (Guimarães, 2009, p.67). Inexistem raças humanas; fazemos todos parte de uma mesma espécie. Conforme saliente Barbujani (2007, p.158):

Quando dizemos que no homem não há raças, (...) queremos falar do fato de que não se encontrou nunca, em que pesem séculos de tentativa, um modo para traçar fronteiras biológicas claras entre as populações humanas. Na África, a Ásia, na Europa, na Oceania e na América encontramos essencialmente as mesmas variantes gênicas, em proporções diferentes; ninguém ainda conseguiu definir uma raça com base em características genéticas, tomadas isoladamente ou em combinação, compartilhadas por todos os seus membros e raras ou ausentes em quem não faz parte daquela raça.

A noção de raça humana, conquanto biologicamente inaceitável, ainda se mantém significativa no terreno das ciências sociais, pois a raça, como hoje em



dia ainda prossegue sendo usada, revela um olhar político e desvalorizador para algumas populações, etnias, grupos, etc.

3.6 A missão civilizadora colonizadora

Consiste em divulgar o pressuposto segundo o qual certas nações tinham a tarefa de civilizar outros povos de estágios pretensamente inferiores de desenvolvimento, isto é, os outros, que atrás foram mencionados. Trata-se de uma forma de camuflar e, acima de tudo, de legitimar a natureza exploradora das relações entre colonizador e colonizado, salientando que o jugo colonial serve aos interesses dos colonizados, que se encontram num estágio parecido ao da infância, da imaturidade, da irresponsabilidade; enfim, da selvageria.

3.7 O Multiculturalismo

O multiculturalismo refere-se à ideia de coexistência entre grupos étnicos e culturalmente diferentes em uma sociedade pluralista (Cashmore, 2000). Candau (2010) lista três abordagens que têm considerado o fenômeno multicultural: o multiculturalismo assimilacionista (incorporação de todos numa cultura hegemônica), o multiculturalismo diferencialista (reconhecimento das diferenças e em espaços próprios e específicos) e o multiculturalismo interativo (promoção da inter-relação de diferentes grupos culturais, concebendo as culturas em contínuo processo de elaboração; hibridização cultural).

3 “Negra”



O poema “Negra”, da moçambicana Noémia de Sousa, estrutura-se calcado na oposição historicamente estabelecida entre europeus x negros, em que o discurso imperial fabrica ideologicamente os negros segundo os seus desejos de dominação e suas conveniências colonialistas.

Nesse sentido, os negros, por uma tradição ocidental preconceituosa, ocupam o polo pejorativo de um contínuo, e os brancos ocupam o seu extremo positivo. É exatamente para tentar subverter essa equação que o eu lírico - feminino e negro -, dotado de voz de tonalidade militante, veicula uma espécie de manifesto poético-identitário, que age na celebração da negritude, conferindo especial atenção à mulher africana, figura duplamente colonizada por ser negra e por ser mulher.

Já na primeira estrofe, o sujeito poético remete à corriqueira ação eurocêntrica de caracterizar os negros – em particular, as negras - como exóticos por fugirem, quer em parte, quer completamente, ao núcleo daquilo que os europeus atestam como normal e desejável para todos os povos.

Insistir em que se é abordado como excêntrico constitui uma forma de denunciar que o colonizador se situa arbitrariamente no centro, forjando as regras que devem ser seguidas e respeitadas por quem se localiza, segundo eles, na margem. A censura a essa faceta do discurso europeu e português revela-se na indicação do empenho lusitano de envolver o africano em uma atmosfera de mistério, de feitiço, de delírio, que, igualmente, sinaliza, ainda que de maneira indireta, para um povo em que as emoções sobrepõem a racionalidade.

O eu lírico assume na crítica a tal estado de coisas uma enunciação fortemente negra e feminina, uma vivência amadurecida na opressão, fazendo sentir aos leitores que os encantos que a África e africana têm são profundamente distorcidos pelo olhar cúvido europeu, movido por desejos lúbricos e por interesses financeiros.

A tentativa europeia de sedução da mulher negra africana – que, constitui, metonímica e metaforicamente, a África e os africanos – é representada

analogicamente pela ação de realizar uma atividade ou ofício artístico tal como a composição de uma música, a escritura de uma peça literária ou o tecer de uma vestimenta por meio da qual se deseja agradar alguém.

Com efeito, criticando semelhante forma desvirtuada de fazer arte (“formais e redondilhados cantos”), o eu lírico demonstra a considerável distância existente entre o que o colonizador branco pensa da África/mulher africana e o que a África/a mulher africana realmente é. Nesse contexto, a expressão “Mas não puderam” torna-se muito significativa.

Falta ao artista/colonizador, segundo o poema, as condições mínimas para compreender de dentro a mulher africana, respeitando sua história ancestral e sua complexa e rica cultura, vendo-a na sua integralidade de ser humano e não apenas como um objeto curioso ou um animal selvagem destinado ao uso ligeiro e sem maiores consequências.

Diante de semelhante incapacidade de entendimento e ausência de sensibilidade empática, resta aos brancos reiterar a respeito das mulheres negras o mito da sensualidade excessiva. Todavia, cumpre salientar que não é apenas e tão somente se valendo da sensualidade exagerada que o discurso do colonizador se lança a retratar indignamente a mulher africana e, nessa esteira, a África toda e todos seus habitantes.

Noémia de Sousa explicita o poder aliciante do discurso colonial, pós-colonial e mesmo decolonial, ao elencar numerosas outras imagens que denegriram a África e seus filhos, qualificações responsáveis, em larga escala, por um racismo estrutural que, vindo do colonialismo europeu historicamente datado, vigora até os dias de hoje, ferindo com graves consequências a autoimagem e a autoestima dos negros, bem como corrompendo a identidade e a reputação dos negros aos olhos dos outros povos.

E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...



e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Para além de sensual, já foi tecida sobre a África uma teia que aponta para uma série de outras designações pejorativas no mais alto grau possível e imaginável. Nessa ordem de ideias, mostra-se vigoroso e resistente o processo de pintar a África e seus habitantes de seres irracionais, responsáveis, portanto, por atos de grave violência, já que lhes faltariam o equilíbrio e o bom senso da razão.

Essa formação ideológica sobre os africanos termina por desaguar na odiosa concepção segundo a qual eles estariam mais próximos dos animais irracionais do que de pessoas humanas. Decorre daí que – pelo raciocínio racista – a escravidão negra não seria exatamente um pecado ou algo pelo qual os indivíduos deveriam se arrepender ou se culpar.

A esta altura está claro o recurso da outremização, que, de acordo com Bonnici (2005, p.44), significa “o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o outro. O outro é o excluído que começa a existir pelo poder do discurso colonial”. Ocorre que o discurso colonial figura retoricamente a identidade do outro na base de discursos que apontam para seu eventual primitivismo, legitimando, assim, a exploração de seu território, o aviltamento do nativo e a distância intelectual sensível entre brancos e negros.

Fundamental não perder de mira que o sujeito poético se reporta a tais aspectos em absoluto tom de censura e, sobretudo, adotando uma postura altaneira e resolva, seguro de que ele trata de uma concepção abjeta e inconsistente, em relação à qual a África e os africanos são muito maiores conforme já tem salientado o movimento da negritude.

O poema traduz, em tom cortante e assertivo, um processo de negociação de identidades, por meio do qual o sujeito poético recusa com veemência a identidade que o europeu quis impingir a todo custo à África e aos africanos. Noémia, mediante o procedimento conectado ao dialogismo, erige seu discurso



de negritude negando outros discursos de cunho racistas e etnocêntricos que existem desde longa data e que carecem de comprovação empírica, sendo apenas fruto de um cientificismo superficial, racista e ideológico insustentável.

Paralelamente a esse movimento de denúncia de criação de estereótipos sobre a África e os africanos, o poema segue a linha da resistência à discriminação racial ainda em vigor e também caminha no sentido de oferecer um discurso alternativo sobre a África e os africanos, ou seja, um discurso que venha “de dentro” e que seja diverso daquele exterior que há muito tempo tem perdurado com pouca contestação. É possível afirmar, então, que a militância literária de “Negra” se constrói justamente na confluência desses três relevantes sentidos.

A estrofe final ilumina o orgulho de denunciar a opressão colonial e de resistir a ela, apostando nas possibilidades de autodeterminação dos africanos e na importância do fortalecimento de uma identidade cultural construída a partir de um processo interno.

E ainda bem.

Ainda bem que nos deixaram a nós,
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,

a glória única e sentida de te cantar

com emoção verdadeira e radical,

a glória comovida de te cantar, toda amassada,

moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE

O conceito mais agudo que salta aos olhos do trecho acima transcrito é o de pertencimento, sentimento que une um povo à medida que evidencia que tal população é uma comunidade assentada nos mesmos valores, no mesmo



passado, no mesmo projeto de futuro, nas mesmas dores, nas mesmas esperanças. Dessa ótica, pertencimento e identidade andam de mãos dadas.

O poema enaltece uma identidade cultural africana – por assim dizer livre - constituída no dia a dia da coletividade, nos laços de fraternidade, não havendo relações assimétricas de poder nem imposições vindas, no caso em análise, do colonizador europeu. Por sinal, a identidade negra também se esclarece quando se contrapõe à identidade branca num processo relacional, que é típico de todo complexo identitário em que se verifica uma interação entre semelhanças e diferenças.

A mensagem fixada no término da composição diz respeito a um projeto aventado pelo eu lírico, mediante o qual urge intensificar a convivência fraternal entre os irmãos negros, que, por conhecerem de forma aprofundada a cultura da África, sabem valorizá-la, entendem suas possibilidades e não abrem mão de recuperar um destino livre e autônomo. Desse ângulo, apenas a negritude e a identidade cultural sedimentada podem recuperar a dimensão maternal da África. Ao fim e ao cabo, o que se propõe consiste no ressurgimento de uma África maternal, que se ofereça como alternativa humana e civilizacional ao patriarcalismo eurocêntrico tão afeito a ações bélicas, opressivas e misóginas.

Considerações Finais

Noémia de Sousa discorre literariamente sobre pertencimento, dor, luta, opressão colonial, poder e comunhão fraternal em “Negra”. Para tanto, emprega um interessante e elaborado artifício retórico por meio do qual funde a África continente e a mulher negra numa mesma entidade irmanada e moldada pelo vilipêndio sistemático do colonizador, mas também unida por uma luta em prol do renascimento que já não pode esperar. Escusaria acentuar que, ao se referir à mulher negra, reporta-se, também, aos negros em geral, embora a simbologia





da mulher ultrajada e à margem da sociedade prosseguiu muito forte na composição.

Para renascer, é preciso lutar contra os preconceitos dos brancos colonizadores, fazendo-lhes conhecer a singularidade da riqueza da identidade africana, e levando-os a abandonar uma visão caricata e etnocêntrica do continente e daqueles e daquelas que lá habitam. No entanto, para isso, importa, na mesma direção, acordar nos próprios africanos – e com destaque especial, nos moçambicanos - o orgulho de pertencerem a uma história tão rica e complexa quanto qualquer outra.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin. **Literatura, história e política**. Cotia: Ateliê, 2007.

BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças**. São Paulo: Contexto, 2007.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

CAMPATO JR., João Adalberto. **Manual de literaturas de língua portuguesa**. Curitiba: CRV, 2016.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação; desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio F; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p.13- 37.

CASHMORE, Ellis (org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.





LARANJEIRARA, Pires. **Literaturas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LEAL, Luciana B. **Noémia de Sousa: ética e estética em uma voz plural. Itinerários**. n. 53, p. 65-78, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/15108/12499>. Acesso em: 30/09/24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANT'ANNA, Jacqueline Britto. O discurso poético de Noémia de Sousa: resistência, **poder** e subalternidade. **Kaliópe**, v. 5, n. 10, 2009. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliopo/article/view/7472/5456>. Acesso em: 28 set. 2024

SOUSA, N. de. **Sangue Negro**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos. AEMO, 2001.

Recebido: 30/09/24

Aprovado: 25/10/24

